contra a *semantofilia*: Lacan e a retórica[1]

ELISABETE THAMER

A retórica, ou a arte do orador, era uma ciência, e não apenas uma arte. Nós nos perguntamos agora, como um enigma, por que esses exercícios puderam cativar durante tão longo tempo grupos inteiros de homens. Se é uma anomalia, ela é análoga à existência dos psicanalistas, e é talvez da mesma anomalia que se trata nas relações do homem com a linguagem, que volta no curso da história de uma forma recorrente sob incidências diversas, e se nos apresenta agora na descoberta freudiana, sob o ângulo científico.[2]

EM *FUNÇÃO E CAMPO DA FALA E DA LINGUAGEM EM PSICANÁLISE*[3], Lacan acrescenta a retórica às disciplinas que, segundo Freud, deveriam constituir uma "faculdade ideal de psicanálise": "acrescentaríamos de bom grado, por nosso turno: a retórica, a dialética, no sentido técnico que esse termo assume nos *Tópicos* de Aristóteles, a gramática e, auge supremo da estética da linguagem, a poética, que incluiria a técnica, deixada na obscuridade, do chiste"[4].

Por que Lacan teria incluído a retórica no primeiro patamar das disciplinas a serem ministradas ao psicanalista? Afinal, fazer alguma conexão entre retórica e psicanálise pode parecer, à primeira vista, algo inesperado ou mesmo paradoxal. Há muito que a palavra "retórica" se transformou em um adjetivo pejorativo, como já havia bem observado Nietzsche: "Nós chamamos 'retóricos' um autor, um livro, um estilo, quando nós observamos nestes um uso constante de artifícios [*Kunstmittel*] do discurso – e isso sempre com uma nuança pejorativa. Nós pensamos que não se trata de algo natural e que nos dá a impressão de alguma coisa forçada"[5].

Fato é que a importância que Lacan confere à retórica não se limita à citação acima. As referências explícitas à "arte de falar" comparecem do alfa ao ômega de seu ensino, ou seja, de *Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise* a *Uma prática de palavrório* [*Une pratique de bavardage*]. Ora, se as referências à retórica se mantêm ao longo de toda sua obra, isso nos indica que elas portam, em si, algo essencial. Que teria a

[1] O termo "semantofilia [*sémantophilie*]" – do grego *semantikós* + *philía* – significa, literalmente, "amor ao sentido, à significação", e foi cunhado por Lacan em *L'étourdit* (1972 / 2001, p.494). O presente artigo apresenta, de modo suscinto, o tema de minha dissertação de DEA em Filosofia, apresentado na Universidade de Paris IV – Sorbonne, em 2002, sob a orientação de Barbara Cassin. Essa investigação prossegue no quadro de uma tese de doutorado, com o auxílio financeiro da CAPES.

[2] Lacan. *O seminário – livro 3: As psicoses* (1955-1956) (1985, p.271).

[3] Lacan. Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise (1953/1998).

[4] Lacan. *Escritos* (1966/1998, p.289).

[5] Nietzsche. Rhétorique et langage (1971, p.111).

retórica de essencial a "ensinar" ao psicanalista? Grande parte da dificuldade em esboçar uma resposta a essa questão reside no fato de que, se essas referências são freqüentes, elas são também apenas alusivas ou mesmo enigmáticas, pois em nenhum momento Lacan examina exaustivamente o tema. Tentarei, assim, oferecer neste artigo um breve panorama das referências lacanianas à retórica e algumas reflexões suscitadas pelas mesmas.

retórica ou a "arte de falar": um pouco de sua história e de seus princípios

A retórica, ou "arte de falar", teria surgido na Sicília (então parte integrante da Grécia) após a queda da tirania, por volta do século V a.C., tendo por criadores Córax e Tísias. Sabemos, por meio de uma anedota relatada por Hermógenes[6], que Tísias teria sido discípulo de Córax e teria se recusado a pagar ao mestre os honorários devidos por suas lições alegando que, se houvesse apreendido bem seus ensinamentos, deveria ser capaz de convencê-lo a renunciar à soma devida mas, se não fosse capaz de tal convencimento, isso evidenciaria que havia sido mal instruído e que, assim, não lhe devia uma dracma sequer. Anedotas à parte, vejam o testemunho de Cícero:

> Quando, diz Aristóteles, a tirania foi destruída na Sicília e as questões entre particulares, após um longo intervalo, foram novamente submetidas aos tribunais, pela primeira vez, nesse povo de espírito penetrante e naturalmente inclinado à discussão, viram-se os sicilianos Córax e Tísias dar um método e regras. Antes, ninguém seguia uma rota traçada, nem se submetia a uma teoria e, entretanto, a maioria se exprimia com cuidado e ordem[7].

[6] Plebe. *Breve história da retórica antiga* (1978, p.2).

[7] Cícero. "Brutus 12, 46" *apud* Plebe (*Breve história da retórica antiga. Op. cit.*, p.1).

Embora tenha surgido como um conjunto de prescrições para bem dispor os argumentos na resolução de disputas jurídicas ou políticas, a retórica rapidamente se propagou a outros domínios nos quais a linguagem era o *órganon*, o instrumento fundamental. A retórica consistia, então, em uma *téchne* cuja potência residia exclusivamente no *lógos*, não havendo realidade ou verdade exteriores a este. Motivo pelo qual Platão, no diálogo *Fedro*, por exemplo, afirma que a essência da retórica de Tísias era de que o "verossímil" é mais estimável que o "verdadeiro"[8].

[8] Ver Platão. *Phèdre* (1989, 267 a-b).

A prática discursiva estabelecida pela retórica introduziu definitivamente uma cisão, uma hiância fundamental, na relação entre o homem e a linguagem: o que significa falar? O que diz um dito? O que é a verdade? É graças a esse efeito que a arte

retórica, levada ao paroxismo com a sofística, vai se constituir como o "interlocutor" por excelência da filosofia, como bem testemunham as obras platônica e aristotélica.

Entre os vários princípios que nortearam a arte retórica, ressaltarei apenas três:

1. A palavra é soberana e veicula um *pathos*, como indica Górgias de Leontino em seu *Elogio de Helena*: "O Discurso é um senhor soberano que, com um corpo diminuto e quase imperceptível, leva a cabo ações divinas. Na verdade, ele tanto pode deter o medo como afastar a dor, provocar a alegria e intensificar a compaixão"[9].
2. O *lógos* é compreendido como *phármakon*, termo que, em grego, designava uma dupla potência [*dýnamis*]: era tanto capaz de curar quanto de matar (como "droga", em português).
3. O *lógos* "governa", age, por meio das nuanças da enunciação e da oportunidade/ocasião [*kairós*][10]. A noção de *kairós* regerá a "arte de falar", com vistas à persuasão [*peithó*]. O bom orador será aquele que, por meio da boa disposição de seus argumentos [*diáthesis*], aliada ao modo de enunciação que a ocasião exige, conduzirá o ouvinte ao convencimento visado pelo orador.

[9] Górgias. Elogio de Helena (1993, p.43).

[10] "*Kairós*" constitui, ao lado de "*aei*" e "*chronos*", uma das três concepções elementares do tempo para o homem grego. De modo simplificado, "*aei*" é o que indica o "eterno"; "*chronos*", o tempo da successão; e "*kairós*" o tempo oportuno, da ocasião.

Durante toda a Antigüidade grega e até o império romano, foram compostos inúmeros "manuais" de retórica. Partindo da *téchne* da boa disposição dos argumentos, surge toda uma elaboração sobre as "figuras de linguagem" ou *trópoi*, entre os quais já figuravam, por exemplo, a metáfora e a metonímia. É impossível, no entanto, falar em "a" ou em "uma" retórica. Como assinala Nietzsche, já havia na Grécia concepções absolutamente distintas dessa *téchne*, discussão essa que persiste até a modernidade. Diz o filósofo: "Mas em geral todos os modernos são imprecisos em suas definições e, mesmo através de toda a antigüidade, não se deixa de rivalizar – e especialmente entre filósofos e oradores – para definir corretamente a retórica"[11].

[11] Nietzsche. Rhétorique et langage (*op. cit.*, p.105).

Do que foi a retórica grega só temos, à exceção de fragmentos e testemunhos indiretos, duas grandes obras: *Rhetorica ad Alexandrum*, obra consagrada ao uso prático da arte oratória, e *Retórica* de Aristóteles. A primeira é atribuída a Anaxímenes de Lâmpsaco, retórico do século IV a.C. A segunda, graças às relações inextricáveis que mantém com o conjunto do *corpus aristotelicum*, influenciará de maneira decisiva as determinações ulteriores do conceito.

A arte retórica recuperou seu esplendor com a "segunda sofística", movimento que teve lugar no mundo greco-romano unido do II ao IV séculos d.C. e atravessou toda a Idade Média, na qual constituía uma das disciplinas do *Trivium*[12]. Durante séculos, a concepção de retórica mudou significativamente, até cair em completo declínio. Foi apenas muito recentemente que assistimos a uma espécie de "renascimento" da retórica, graças ao interesse suscitado por novas disciplinas como a lingüística, a semiótica e a crítica literária. Entre as reapropriações da "arte de falar", encontramos, por exemplo, a chamada "nova retórica", teoria desenvolvida por Chaïm Perelmann, ou a "escola de Yale", tributária das obras de Paul de Man e Charles Peirce.

O essencial dessa breve retrospectiva consiste em mostrar que falar em retórica significa realizar uma reflexão radical sobre os fundamentos da linguagem. A "essência" da arte retórica fornece, assim, um indício sobre o que teria norteado o interesse de Lacan em direção a essa *téchne*. Como resume Nietzsche: "*A linguagem é a retórica,* pois ela quer exprimir somente uma dóxa e não uma episteme. [...] Ao mesmo tempo, não há diferença entre os termos próprios e os tropos, como não há entre discurso normal e o que se chamam figuras retóricas. Propriamente falando, *é figuração tudo o que se chama ordinariamente de discurso*"[13].

[12] Na Idade Média, a educação passava pela aprendizagem das "sete artes" ou *Septennium*, organizadas em dois grupos desiguais: o *Trivium* e o *Quadrivium*. O primeiro compreendia gramática, dialética e retórica, e o segundo, música, aritmética, geometria e astronomia. Como bem observou Roland Barthes, "a oposição do Trivium e do Quadrivium não é aquela das Letras e das Ciências; é muito mais a dos segredos da palavra e dos segredos da natureza". Barthes. L'ancienne rhétorique [Aide-mémoire, 1964-1965] (1993, p.916).

[13] *Ibid.*, p.112-113, grifo no original.

da retórica freudiana ao *jouis-sens*

O conjunto das referências lacanianas à retórica incide basicamente sob dois eixos: o primeiro deles se concentra nas fontes retóricas da lingüística, e o segundo se aproxima mais da "essência" da retórica como tal.

> É na versão do texto que o importante começa, o importante que Freud nos diz ser dado na elaboração do sonho, isto é, *em sua retórica.* Elipse e pleonasmo, hipérbato e silepse, regressão, repetição, aposição, são esses os deslocamentos sintáticos, e metáfora, catacrese, antonomásia, alegoria, metonímia e sinédoque, as condensações semânticas em que Freud nos ensina a ler as intenções ostentatórias ou demonstrativas, dissimuladoras ou persuasivas, retaliadoras ou sedutoras com que o sujeito modula seu discurso onírico[14].

[14] Lacan. Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise (*op. cit.*, p.269).

Nesse primeiro eixo, tal qual evidenciado pela citação acima, Lacan destaca as diferentes "figuras" ou *trópoi* retóricos

presentes na análise freudiana do relato do sonho. De todas as figuras de linguagem descritas pela retórica, ele privilegiará a metáfora e a metonímia. Ainda que Lacan tenha se aproximado de tais elementos por meio da lingüística estrutural, ele jamais deixou de reafirmar a origem retórica dessas noções, como podemos constatar, por exemplo, nas seguintes passagens:

> De uma forma geral, o que Freud chama a condensação é o que se chama *em retórica* a metáfora, o que ele chama o deslocamento é a metonímia[15].

[15] Lacan. *O seminário – livro 3: As psicoses (1955-1956)* (*op. cit.*, p.252).

> Mas o que é a metáfora? [...] A metáfora não é a coisa no mundo das mais fáceis de falar. [...] *Quando se lêem os retóricos*, percebe-se que jamais eles chegam a uma definição completamente satisfatória da metáfora e da metonímia[16].

[16] *Ibid.*, p.248 e 259.

> Publicamos recentemente o primeiro volume da revista onde inauguramos nossa tentativa de retomada da inspiração freudiana, e vocês lerão ali que o que se acha no fundo dos mecanismos freudianos são essas velhas figuras de retórica, que com o tempo acabaram por perder para nós o seu próprio sentido, mas que suscitaram durante séculos um efeito prodigioso[17].

[17] *Ibid.*, p.271.

> A metonímia foi relegada ao final, sob a égide de um Quintiliano bem subestimado[18].

[18] Lacan. *Le séminaire – livre 5: Les formations de l'inconscient (1957-58)* (1998, p.72).

Nos últimos anos de seu ensino, Lacan se dedica cada vez mais à elaboração do registro do real, do "sério real"[19]. Isso implica uma revisão importante de suas articulações em torno do discurso, da significação, do sentido. Essa revisão não significa, contudo, que Lacan modifique ou renegue os fundamentos da linguagem pressupostos pela psicanálise – condição de possibilidade do inconsciente –, mas sua leitura se modifica de maneira decisiva. Falando não mais com base na lingüística, mas sim na *lingüesteria*, o significante passa a ser compreendido como "causa de gozo", ou seja, como *jouis-sens*. Curiosamente, é em torno dessas novas articulações que Lacan retomará suas referências à retórica, dessa vez de modo ainda mais radical:

[19] Lacan. *O seminário – livro 20: Mais, ainda* (1972-1973) (1985, p.31).

> O psicanalista é um retor [*rhéteur*]. Para continuar a equivocar, eu direi que ele *retifica* [*rhétifie*], o que implica que ele *rectifica* [*rectifie*]. *Rec-*

> *tus*, a palavra latina, equivoca com a *retificação* [*rhétification*].
>
> [...] O que deveria, é que a análise, por uma suposição, chegue a desfazer pela palavra o que foi feito pela palavra.
>
> [...] O que eu chamei o retor no analista só opera por sugestão. Ele sugere, o que é próprio do retor, ele não impõe de nenhum modo alguma coisa que teria consistência.
>
> [...] Como deverá operar o analista para ser um retor conveniente? É aí que nós chegamos a uma ambigüidade.
>
> O inconsciente, diz-se, não conhece a contradição. É bem por isso que o analista deve operar por alguma coisa que não se funde sobre a contradição. Não é dito que isto do que se trata seja verdadeiro ou falso. O que faz o verdadeiro e o que faz o falso é o que se chama o poder do ana-lista, e é nisto que eu digo que ele é um retor[20].

[20] Lacan. Une pratique de bavardage (1977/1979, p.6 e 8).

Essa passagem é, em meu entender, a mais complexa e também a mais extensa das referências de Lacan à retórica. Trata-se aqui de algo mais importante que um retorno às fontes dos *trópoi* ou das "figuras de discurso". A afirmação é radical: "o analista *é* um retor". De que maneira, em que sentido, o psicanalista *é* um retor? Aproximemo-nos dessa passagem.

O primeiro fato digno de nota se refere à reapropriação da noção de "sugestão": "O que eu chamei o retor no analista só opera por sugestão. Ele sugere, o que é próprio do retor, ele não impõe de nenhum modo alguma coisa que teria consistência". A sugestão é evocada sob um novo prisma, que indica a inconsistência de toda enunciação. Trata-se aqui, em meu entender, de uma alusão à interpretação.

Essa reapropriação da "sugestão" vem a reboque das últimas considerações de Lacan sobre a interpretação. Tenho em vista, basicamente, o texto *L'étourdit*[21]. Nesse texto, Lacan desenvolve o que ele chama de três "pontos nodais" da interpretação: a homofonia, a gramática e a lógica[22]. Esses três desdobramentos presentes na "equivocação" interpretativa remetem,

[21] Lacan. L'étourdit (*op. cit.*).

[22] *Ibid.*, p.491-492).

rigor, às disposições da *téchne* retórica. A homofonia, a homonímia, ou seja, a materialidade da letra, foram instrumentos retóricos por excelência. Na quase totalidade dos antigos manuais de retórica, encontramos partes dedicadas à *léxis*, ou seja, à enunciação pura e simples. O retor jogava com a materialidade da letra, atento às assonâncias, aos jogos de palavras e aos enigmas bem formulados[23].

[23] Cf. o "Livro III" da *Retórica* de Aristóteles, intitulado *Perì léxeos* [Sobre a enunciação].

A gramática como disciplina autônoma surgiu tardiamente, no século I a.C., com a obra *Technè Grammatikè*, de Dionísio Trácio. O conjunto de regras gramaticais é, portanto, posterior à retórica, à sofística e aos textos filosóficos que comportavam uma reflexão sobre os fundamentos da linguagem, como, por exemplo, os diálogos *Crátilo* e *Sofista*, de Platão, ou *Da interpretação* e a *Poética*, de Aristóteles.

O terceiro dos "pontos nodais" da interpretação é constituído pela lógica, "sem a qual a interpretação seria imbecil"[24]. Os fundamentos da lógica também têm sua origem nessa reflexão originária sobre a linguagem. Grande parte dos preceitos da lógica aristotélica também se encontram formulados no texto *Da interpretação*, em que o filósofo enuncia, por exemplo, as definições de nome, verbo e discurso – elementos retomados posteriormente pela "gramática". O que gostaria de destacar aqui é como esses diferentes "campos" se interpenetram e constituíam, em sua origem, um todo indissociável.

[24] *Ibid.*, p.492.

contra a *semantofilia*: Lacan versus Aristóteles?

Em um segundo momento dessa longa referência à retórica, Lacan diz:

> O inconsciente, diz-se, não conhece a contradição. É bem por isso que o analista deve operar por alguma coisa que não se funde sobre a contradição. Não é dito que isto do que se trata seja verdadeiro ou falso. O que faz o verdadeiro e o que faz o falso, é o que se chama o poder do analista, e é nisto que eu digo que ele é um retor[25].

[25] Lacan. Une pratique de bavardage (*op. cit.*, p.6 e 8).

Essa passagem sustenta, de certo modo, a possibilidade da "sugestão", uma vez que esta indica a inconsistência de todo discurso. A sugestão, que poderíamos situar entre o enigma e a citação, valendo-se dos pontos nodais citados, deverá operar contra o sentido, contra a semantofilia [*sémantophilie*][26]. Com essa formulação, Lacan atinge a pedra angular da filosofia e do

[26] Lacan. L'étourdit (*op. cit.*, p.494).

pensamento ocidental: o princípio da não-contradição. Torna-se necessário, aqui, um breve excurso.

O "princípio da não-contradição" foi formulado pela primeira vez no "Livro Gama" da *Metafísica* de Aristóteles, e pode ser considerado a resposta do filósofo à ameaça sofística. Diz o referido princípio: "Pois é impossível que um mesmo [atributo] pertença e não pertença simultaneamente ao mesmo [sujeito] e segundo um mesmo [sentido]"[27]. Esse princípio é correlato à exigência de sentido postulada pelo filósofo no mesmo livro: falar é, necessariamente, "significar alguma coisa, para si e para um outro [*semaínein gé ti kaì autô kaì állo*]"[28]. Esses dois "princípios", juntos, determinaram as condições do pensamento ocidental, atrelando a enunciação de um discurso à exigência de sentido, norteada pelos parâmetros lógicos decorrentes desses princípios.

[27] Aristóteles. *Metafísica* (c. 347 a.C./1990, Livro Gama, 3, 1005b 19-20).

[28] *Ibid.*, 1006a 21-22.

De modo distinto da filosofia, tanto a retórica quanto a sofística não visavam à criação de discursos que portassem reivindicações ontológicas mas, simplesmente, à prática da "logologia". Esse termo foi cunhado por Barbara Cassin para designar "o regime performático onde não se procede do ser à palavra, com a carga de dizer o que é como é, mas de palavras em seu efeito-mundo"[29]. Como bem caracterizara Górgias em *Elogio de Helena*, o *lógos* é um *phármakon*, ou seja, "uma droga, um remédio/veneno, para o melhor e para o pior: um *phármakon*, justamente, se caracteriza por seu efeito"[30].

[29] Cassin. *Voir Hélène en toute femme. D'Homère à Lacan. Les empêcheurs de penser en rond* (2000, p.86).

[30] Górgias. Elogio de Helena (*op. cit.*, p.87).

Assim, o discurso retórico/sofístico, anterior ao ato aristotélico, não estava submetido nem às exigências de sentido, nem ao princípio de não-contradição, nem a um referente extralingüístico: "Tudo se passa como se o discurso pudesse dizer por ele mesmo o que é como o que não é. Auto-referencial, ele só tem que prestar contas a suas próprias regras"[31].

[31] Tordesillas. L'instance temporelle dans l'argumentation de la première et de la seconde sophistique: la notion de kairós (1986, p.41).

A "decisão" aristotélica caiu, como decisão, em completo esquecimento, e confunde-se até hoje com as condições de possibilidade "naturais" do pensamento e de inteligibilidade do mundo. Segundo o "Livro Gama", prova cabal do ato aristotélico, os sofistas, posto que não respeitam o princípio soberano da não-contradição, "sequer falam", e "são semelhantes às plantas"[32]!

[32] Aristóteles. *Metafísica* (*op. cit.*, 1006a 14-15).

Essas "plantas" que falavam sem nada significar, proferindo algumas vezes "significantes assemânticos", foram os primeiros a testemunhar a arbitrariedade do significante, a precariedade de toda significação, dos poderes da palavra. Que o analista tenha em si um retor implica que ele tenha ultrapassado as artimanhas sedutoras do sentido, o que permitirá que sua

interpretação engendre um efeito poético. O que podemos depreender dos elementos aqui expostos e dessa breve reflexão é que a "anomalia" retórica pode nos instruir em algo sobre a "anomalia" da descoberta freudiana, posto que ambas remetem ao encontro faltoso do homem com a linguagem, em que "se inscreve a última *Spaltung* por onde o sujeito se articula ao Logos"[33], fato que não escapou a Jacques Lacan.

[33] Lacan. A direção da cura e os princípios de seu poder (1958/1998, p.642).

referências bibliográficas

ARISTÓTELES. (c. 347 a.C.) *Metafísica.* Edição trilingüe por Valentín García Yebra. Madrid: Gredos, 1990.

BARTHES, Roland. L'ancienne rhétorique [Aide-mémoire, 1964-1965]. In: *Oeuvres complètes.* Paris: Seuil, 1993. Vol. 1.

CASSIN, Barbara. *Voir Hélène en toute femme. D'Homère à Lacan. Les empêcheurs de penser en rond.* Paris: Sanofi-Synthelabo, 2000.

GÓRGIAS. Elogio de Helena. In: GÓRGIAS. *Testemunhos e fragmentos.* Trad. Manuel Barbosa e Inês de Ornellas e Castro. Lisboa: Colibri, 1993.

GÓRGIAS. *Testemunhos e fragmentos.* Trad. Manuel Barbosa e Inês de Ornellas e Castro. Lisboa: Colibri, 1993.

LACAN, Jacques. (1953) Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise. In: LACAN, J. *Escritos.* Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

LACAN, Jacques. (1958) A direção da cura e os princípios de seu poder (1958) In: LACAN, J. *Escritos.* Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

LACAN, Jacques. (1966) *Escritos.* Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

LACAN, Jacques. *O seminário – livro 3: as psicoses (1955-1956).* Trad. Aluísio Menezes. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.

LACAN, Jacques. *Le séminaire – livre 5: Les formations de l'inconscient (1957-1958).* Paris: Seuil, 1998.

LACAN, Jacques. (1972) L'étourdit. In: LACAN, J. *Autres écrits.* Paris: Seuil, 2001.

LACAN, Jacques. *O seminário – livro 20: mais, ainda (1972-1973).* Trad. M.D. Magno. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.

LACAN, Jacques. Une pratique de bavardage. *Ornicar?* Paris, n.19, 1979.

NIETZSCHE, Friedrich. Rhétorique et langage. *Poétique.* Paris, n.5, p.99-142, 1971.

PLATON. *Phèdre.* Tradução, introdução e notas Luc Brisson. Paris: Garnier-Flammarion, 1989.

PLEBE, Armando. *Breve história da retórica antiga.* Tradução e notas Gilda N. M. de Barros. São Paulo: E.P.U., 1978.

TORDESILLAS, Alonso. L'instance temporelle dans l'argumentation de la première et de la seconde sophistique: la notion de *kairós.* In: CASSIN, B. (org.). *Le plaisir de parler. Études de sophistique comparée.* Paris: Minuit, 1986.

resumo

O artigo discute algumas referências de Jacques Lacan à arte retórica, presentes ao longo de todo seu ensino. Essas referências são importantes para a compreensão de algumas de suas articulações finais sobre a interpretação psicanalítica.

abstract

This article discusses some references of Jacques Lacan to the art of rethoric, which are present throughout his teaching career. These references are important for understanding some of his lastest ideas on psychoanalytical interpretation.

palavras-chave

psicanálise, retórica, interpretação

keywords

psychoanalysis, rhetoric, interpretation